

PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA DOS RISCOS METEREOLÓGICAS QUE AFETAM O TURISMO

Herbe Xavier¹

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir a percepção geográfica dos riscos da natureza nas megacidades de países pobres, onde tem sido considerável a ocorrência de catástrofes.

A maior parte dos riscos da natureza apresenta característica comuns: os prejuízos crescentes e as catástrofes aumentam, mas o ajustamento aos custos apresenta características diferentes nas diversas partes do mundo.

Se as pessoas sabem que determinada área é sujeita a riscos por que continuam a habitar esses locais? Sabe-se que as pessoas, ao se instalarem em áreas de risco, colocam-se a mercê do acaso, estão incertas quanto à ocorrência ou não do risco e sempre permanecem despreparadas para recebê-lo,

Apoiada nas poucas informações disponíveis, essas pessoas deixam de colocar em prática os planos de emergência que poderiam minimizar os impactos sofridos. Tal pressuposto conduz à necessidade de se conhecer os limiares de tolerância dos moradores das áreas de risco. Muitas sociedades sobrevivem e chegam a prosperar nas áreas de risco. Isto se torna possível graças à capacidade delas enfrentarem o problema mediante adaptação e ajustamento.

Palavras chave: percepção, megacidades, limiares de tolerância.

¹ Doutor em Geografia. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG. Brasil. E-mail: herbe@pucminas.br

Nas últimas décadas tem sido considerável o aumento da ocorrência dos riscos meteorológicos que afetam as atividades turísticas. Eles vêm resultando atrasos nas viagens, bloqueio de estradas, ou fechamento de aeroportos. Convém ressaltar que o risco é o resultado da interação do homem em contato com os eventos naturais, subtendendo que suas definições, incluem necessariamente o ser humano.

Existem várias acepções em que podem ser tomadas para o termo risco. Uma delas é a de Park (1991) 24-(28), ao declarar que a escala é fator chave para a definição do risco. Considera, ele que um evento da natureza que ameace poucas pessoas ou que atinja apenas pequena área, pode ter diferente. De outro, que envolva muitas pessoas e que abranja maior área. A primeira situação é tida como problema e, a segunda como risco, em se tratando de evento extremo, tem-se um desastre ou uma catástrofe. Neste caso, o perigo para as pessoas, as propriedades ou as sociedades em geral é tão severo, que a reabilitação e a recuperação que se seguem constituem processos longos e difíceis.

Eventos meteorológicos, como riscos da natureza constituem um campo de interesse para a Geografia. Seu estudo ganhou ênfase a partir de meados do Século XX, com destaque especial para seus agentes causadores. A partir dos anos de 1970, muitos geógrafos passaram a considerar como um dos temas básicos para o estudo dos riscos da natureza. Contudo, foram esses estudos concentrados em temas específicos, como enchentes, poluição, ciclones e terremotos. Sobre a percepção dos riscos meteorológicos que afetam as atividades turísticas pouco se conhece, justificando, com isso, a realização do presente estudo que se fundamenta na procura das respostas humanas ao problema, destacando dentre eles as chuvas torrenciais causadoras de quedas de barreiras nas rodovias, o fechamento dos aeroportos resultando atrasos de viagens, ou mesmo impedindo a realização das viagens. Foi verificado nos últimos dias, fechamento, atrasos e cancelamento de vôos que se dirigiram para aeroportos europeus, em função da quantidade de neve que produziu sérios impactos de diversos países da Europa.

No nível de abordagem, justifica-se a adoção da percepção geográfica, porquanto dita providência vem sendo amplamente utilizada em diversas partes do mundo, como subsídio para o planejamento do meio ambiente. Cabe também considerar que, no nível mais amplo, a abordagem perceptiva ambiental poderá contribuir para a adoção de

estratégias a serem empregadas na tomada de consciência para problemas ambientais aos riscos meteorológicos que afetam as atividades turísticas.

O objetivo deste estudo teve como ponto de partida o pressuposto de que as pessoas, ao marcarem suas viagens para o lazer colocam-se à mercê do acaso, estão incertas quanto à ocorrência ou não do evento de risco e permanecem sempre despreparadas para recebê-lo. Apoiadas nos recursos e nas poucas informações disponíveis, essas pessoas, freqüentemente deixam de colocar em prática os planos de emergência para minimizar os impactos sofridos.

Tal pressuposto conduz à necessidade de conhecer o limiar de tolerância das pessoas. Ultrapassado esse limiar, as pessoas selecionam alternativas, no sentido de se sistematizarem as possibilidades de ajustamento aos eventos de risco. Admite-se que as respostas das pessoas poderão oferecer subsídios importantes, tanto para o planejamento ambiental como para a tomada de decisões administrativas.

A percepção geográfica dos riscos da natureza

Por sua característica espacial, os riscos da natureza constituem um campo de interesse para as pesquisas da Geografia. Os estudos a este respeito vêm ganhando ênfase nas últimas décadas, face à crescente ocorrência de tais eventos no planeta. A par disso, nestas, tornou-se necessário um mais amplo conhecimento da conduta das pessoas, frente aos riscos, procedimento fundamentado, muitas vezes na percepção geográfica que, atualmente vem se destacando como uma das mais significativas abordagens, para melhor conhecimento da conduta do homem em relação aos riscos da natureza.

A noção de meio ambiente está ligada à própria vida, pois nenhum ser vivo sobrevive em um espaço vazio, sendo a vida só possível em um meio nutridor.

O meio ambiente físico sustenta a vida animal e vegetal. Porém, o homem requer, não apenas tal meio de sustentação: necessita, também, da presença de outros indivíduos humanos com os quais mantém complexas formas de relacionamento e cuja compreensão pode fundamentar-se em explicações de Zimmermann (1951: 19-21). Segundo esse autor, nesse propósito é necessário considerar o homem em dois níveis distintos: o animal e o humano ou social.

No nível social, aliás, considera-se o homem como uma criatura com aptidões inatas, sendo capaz de obter sua sustentação da natureza, como o oxigênio do ar, a água, o alimento e seu próprio alojamento. Esse mesmo homem está exposto às forças nocivas e às condições adversas da natureza, ou contra os elementos hostis e as enfermidades. Já no nível social, de grande importância para o turismo, uma vez que grande parte das viagens de lazer são feitas em grupos, o homem separou-se dos demais seres, para percorrer um caminho fechado a todos eles, o da adaptação ativa, determinada pela sua vontade.

Nessa caminhada, estabelece, o homem relações íntimas e intensas com a natureza, o que leva a tentativa de identificar as relações que se estabelecem em relação aos riscos meteorológicos durante as viagens de lazer, pois o homem moderno vem causando modificações diversificadas para atender a suas necessidades do momento, nem sempre com preocupação quanto ao futuro. Frequentemente, a natureza vem sendo vista como simples referência espacial, ou palco para o desenvolvimento econômico.

A explicação de Zimmermann, além de chamar a atenção para a idéia de recurso, também conduz à compreensão de riscos e das restrições e, por extensão dos riscos da natureza, destacando que essas noções constituem reflexos da valorização humana. Nesse sentido a natureza constitui matéria neutra, sobre a qual o homem valoriza seus recursos e conseqüentemente, os possíveis riscos. É a cultura humana que determina os elementos considerados que determina os elementos considerados recursos ou riscos da natureza.

As revoluções técnica e científica têm ensejado maior complexidade de relações, tanto entre as pessoas e os componentes físicos da natureza, quanto entre os grupos sociais, exigindo, com isso. Maior exploração dos recursos com o propósito de satisfazer suas necessidades, o homem, defronta-se com riscos resultantes de sua interação com a natureza. Nesse contexto das definições de riscos da natureza, trata-se de encará-los como prejudiciais ao homem às suas riquezas, às suas propriedades e, conseqüentemente, ao meio ambiente. Assim, convém ressaltar que o risco da natureza é resultado da interação do homem em contato com eventos naturais, subentendendo, portanto que em suas definições, incluem, necessariamente, o ser humano.

Burton e Kates (1972: 304) os definem, considerando os riscos naturais como elemento do meio físico prejudicial ao homem e causado por forças a eles estranha. Por

outro lado, observa-se que nesta definição, os autores se referem apenas a uma categoria de riscos, os naturais.

Em sentido mais amplo, está usando, neste estudo, a expressão riscos da natureza por considerá-la mais abrangente, englobando não somente os elementos do meio ambiente físico, mas, também, os construídos, que é, resultante da interação homem e natureza.

No intuito de estudar as relações entre o homem e os riscos da natureza, que afetam o turismo serão tecidas considerações para a compreensão dos riscos que afetam tais atividades e a procura de explicações para as respostas humanas que se manifestam diante destes eventos.

A compreensão cognitiva do espaço geográfico é tratada por Oliveira (1972: 55-62) que considera, além de preso ao geométrico, cinemático, liga-se também, ao psicológico, perspectiva que, se bem considerada, oferece subsídios para um maior entendimento das interações que as pessoas estabelecem com o meio ambiente.

Através da experiência, procura o homem, conhecer seu espaço. Apreende formas de ação para seu uso, sua valorização e quando necessário seu meio ambiente.

Isso concorre para que a compreensão cognitiva do espaço geográfico se torne complexa. As relações das pessoas com as viagens de turismo, da qual fazem parte, processam-se também, a partir da percepção que delas se têm, das atitudes delas tomadas e dos valores a elas atribuídas. São extremamente variadas as maneiras das pessoas perceberem e avaliarem essas formas de lazer. Do mesmo modo são inconstantes as atitudes das pessoas, pois, refletem elas variações individuais, bioquímicas, psicológicas e, de modo relevante, seu estilo de vida.

Segundo Tuan, (1980: 1-20) os significados se superpõem e, se tornam claros dentro do próprio contexto expresso em cada um desses processos. Esse autor considera que a atitude assumida frente ao mundo é tomada por longa sucessão de percepções e experiências.

CLASSIFICAÇÃO DOS RISCOS DA NATUREZA, SEGUNDO OS AGENTES CAUSADORES,	
RISCOS GEOFÍSICOS	
-	Meteorológicos
Nevascas e neve Ondas de frio Enchente Seca Nevoeiro Geadas Ondas de calor Raio Inversão de temperatura Furacão Vendaval	
-	Geomorfológicos
Avalancha de rochas Avalancha de neve Terremoto Erosão Deslizamento de encostas Erupção vulcânica	
RISCOS BIOLÓGICOS	
-	Flora
Doenças transmitidas por fungos Infestações	
-	Fauna
Doenças transmitidas por bactérias, vírus e protozoários.	

Quadro 1: classificação dos riscos da natureza, segundo os agentes causadores.

Adaptação de Burton, Kates and White, *The environment as hazard*, 1972: 210.

Pelo quadro se verifica a diversidade de riscos da natureza. Ainda, verifica-se também que a maior parte deles, direta, ou indiretamente, ligam-se a riscos meteorológicos que, entre eles se diferenciam por algum tipo de parâmetro para as respostas humanas, estudadas pelos autores, Burton, Kates and White.

Considerações conclusivas

Este estudo com o objetivo de analisar a influência dos riscos meteorológicos que influenciam nas atividades turística levam-se destaca os seguintes argumentos:

1. Nas últimas décadas o primeiro fato que se depara, ao próprio conceito de risco. Aqui se considera que a maior parte dos riscos da natureza apresenta características comuns: os prejuízos crescentes e as catástrofes potenciais têm aumentado, mas as perdas e o ajustamento aos custos apresentam sob aspectos diferentes nas diversas partes do mundo. Verifica-se que nos países pobres. Os riscos da natureza agravam-se ainda mais, dada a utilização desordenada, a fragilidade dos equipamentos disponíveis devido à utilização dos recursos, a fragilidade dos equipamentos disponíveis e aos processos inadequados de uso e de ocupação do solo, aliados a falta de esclarecimentos e informações e informações à população.
2. A literatura existente sobre a influência dos riscos meteorológicos para as atividades turísticas pouco se tem trabalhado
3. Por outro lado, é grande o número de técnicos que trabalham com as atividades turística: políticos, técnicos, legisladores, professores, planejadores geógrafos, administradores e programadores de viagens e eventos, mas com estudos particulares dentro de sua área de conhecimento, como também é bastante variado o número de profissionais envolvidos nas atividades turísticas. Assim, tomou-se como orientação a classificação dos atrativos turísticos, apoiada na oferta turística, considerada pela OMT e na identificação da atividade turística a partir de cursos existentes.
4. Com o estudo verificou-se a importância e a necessidade de maior desenvolvimento de estudos dos riscos no turismo.
5. Um fato a ser considerado é que a frequência dos riscos meteorológicos, apesar de importante é relativamente pequena. Sendo assim, e de supor que, aquela que muito afetam as atividades turísticas é relativamente pequena. Por si só, não são suficientes para exercerem influências maiores influências na atividade. Porém às vezes, podem resultar em grandes transtornos. Mesmo assim, podem-se afirmar, eles podem ser catastróficos, resultando em grandes prejuízos, inclusive, mortes.

6. Porém, assim considerados, há uma grande necessidade do exercício profissional desenvolver estudos nessa temática, que os cursos de turismo devem melhor considerar. Entretanto, é importante considere a atitude e conduta das pessoas, por meio de um melhor conhecimento profissional e que se voltem para os usuários, que sofrem as consciências do problema, pois suas respostas a tais riscos poderão oferecer subsídios importantes para a atividade turística.

7. A percepção geográfica dos riscos meteorológicos que influenciam nas atividades turísticas ainda não se tem uma resposta.

Referências bibliográficas

BURTON, IAN and KATES, Robert W. *The Perception of Natural Hazard in Resource Management*, Paul English and Robert C. Mafield (ed) Man, Space and Environment: Concepts in Contemporary Geography, New York: Oxford University Press, 1972.

BURTON, Ian, ROBERT W. And. KATES, GILBERT F. White. *The Environment and the Hazard*. New York: Oxford University Press, 1978.

KATES, Robert W. *Risk Assessment on Environmental Hazards*, New York: John Wiley, 1981

OLIVEIRA, Livia. A Percepção da Qualidade Ambiental. *A Ação do Homem e a Qualidade Ambiental*, Rio Claro: Câmara Municipal de Rio Claro e ARGEIO, (1983: 1).

OLIVEIRA, Livia e MACHADO e Lucy, C.P. O controle da erosão e a Percepção Ambiental. *Anais do 4º, Simpósio de Controle da Erosão. Marília: ABGE, 253-262.*

PARK, Chris C. *Environments Hazard*. London: Mcmillan Education Ltd. 1991.

XAVIER, Herbe, A percepção geográfica dos deslizamentos em áreas de risco no Município de Belo Horizonte, *tese de doutorado, UNESP, 1996.*

XAVIER, Herbe. *A Percepção geográfica do turismo.* São Paulo: Aleph, 2007.

XAVIER, Herbe. *Educação Ambiental para populações em áreas de risco da natureza*, in Seabra Giovanni (org), *Educação Ambiental, Editora da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. P; 119-138.*

WARD, Barbara e DUBOS, René *Uma Terra Somente: a preservação de um pequeno planeta.* São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ZIMMERMANN, W. Eric. *Recursos e Industrias del Mundo.* Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1991.